

# Limonov

*Emmanuel Carrère*

Traduzido do francês por  
Manuela Torres

SEXTANTE EDITORA



Até Anna Politkovskaia ser abatida na escada do seu prédio, a 7 de outubro de 2006, só as pessoas que se interessavam de perto pelas guerras da Chechénia sabiam o nome dessa jornalista corajosa, declarada oponente da política de Vladimir Putin. De um dia para o outro, o seu rosto triste e decidido tornou-se no Ocidente um ícone da liberdade de expressão. Nessa altura eu tinha acabado de rodar um documentário numa pequena cidade russa, permanecia frequentemente na Rússia, e por isso, mal se soube da notícia, uma revista desafiou-me a apanhar o primeiro avião para Moscovo. A minha missão não era investigar a morte de Politkovskaia, mas sim pôr a falar as pessoas que a tinham conhecido e amado. Foi assim que passei uma semana nos escritórios do *Novaia Gazeta*, o jornal onde ela era repórter-vedeta, e também em associações para a defesa dos direitos humanos e comités constituídos por mães de soldados mortos ou mutilados na Chechénia. Esses escritórios eram minúsculos, mal iluminados, equipados com computadores vetustos. Os ativistas que aí me recebiam eram quase sempre igualmente idosos e pateticamente pouco numerosos. Um círculo muito pequeno, onde toda a gente se conhece, onde em breve eu passei a conhecer toda a gente, e esse pequeno círculo praticamente constitui por si só a oposição democrática na Rússia.

Para além de alguns amigos russos, conheço em Moscovo outro pequeno círculo, composto por expatriados franceses, jornalistas ou homens de negócios, e quando à noite lhes contava os meus encontros do dia, eles sorriam com uma certa comiseração: esses militantes dos direitos humanos eram certamente pessoas respeitáveis, mas a verdade é que toda a gente se estava nas tintas para eles. Travavam um combate perdido à partida num país em que as

peças pouco se importavam com as liberdades formais desde que cada um tivesse o direito de enriquecer. Por outro lado, nada divertia tanto os meus amigos – ou, segundo o seu carácter, nada os irritava tanto – como a tese difundida entre a opinião pública francesa segundo a qual o assassinio de Politkovskaia fora encomendado pelo FSB – a polícia política que nos tempos da União Soviética se chamava KGB – e mais ou menos pelo próprio Putin.

«Ouve», disse-me Pavel, um universitário franco-russo reconvertido aos negócios, «é preciso parar de dizer disparates. Sabes o que li – no *Nouvel Observateur*, creio eu? Que não deixava de ser estranho que Politkovskaia tivesse sido abatida, como que por acaso, no dia do aniversário de Putin. Como que por acaso! Já viste bem o grau de estupidez que é necessário para escrever, preto no branco, esse *como que por acaso*? Estás a imaginar a cena? Reunião de crise no FSB. O chefe diz: malta, vai ser preciso puxar pela cabeça. Daqui a pouco é o aniversário de Vladimir Vladimirovitch, temos que arranjar um presente que lhe agrade bastante. Alguém tem alguma ideia? Põem-se a matutar e depois há uma voz que diz: e se lhe oferecêssemos a cabeça de Anna Politkovskaia, essa chata que não para de o criticar? Murmúrio de aprovação entre a assistência. E pronto, uma boa ideia! Rapaziada, ao trabalho. Têm carta-branca. Desculpa lá, mas esta cena não me convence, diz Pavel. Só mesmo num *remake* russo de *Tontons flingueurs*<sup>1</sup>. Na realidade, não convence. E sabes que mais? A realidade é o que disse Putin, e que tanto chocou as almas sensíveis no Ocidente: o assassinio de Anna Politkovskaia e toda a algazarra à volta do caso prejudicam muito mais o Kremlin do que os artigos que ela escrevia quando era viva, no seu jornal que ninguém lia.»

Eu escutava Pavel e os seus amigos a defender o poder nos belos apartamentos que as pessoas como eles alugavam a preço de ouro no centro de Moscovo, dizendo que, em primeiro lugar, as coisas podiam ser mil vezes piores e, em segundo lugar, que os russos se contentam com isso – então em nome de quê fazer-lhes sermões? Mas escutava também mulheres tristes e cansadas que ao longo do dia me contavam histórias de raptos durante a noite em

1 *O testamento de um gangster*, filme de Georges Lautner. (N. da T.)

automóveis sem matrícula, de soldados torturados não pelo inimigo mas pelos seus superiores, e, sobretudo, sonegações de justiça. Era isso que vinha constantemente à baila. Que a polícia ou o exército fossem corruptos, era a ordem natural das coisas. Que a vida humana tivesse baixo preço, estava dentro da tradição russa. Mas a arrogância e a brutalidade dos representantes do poder quando simples cidadãos se arriscavam a pedir-lhes contas, a certeza que tinham da sua impunidade, eis o que não suportavam as mães dos soldados nem as das crianças massacradas na escola de Beslan, no Cáucaso, nem os familiares das vítimas do teatro Dubrovka.

Lembram-se? Foi em 2002. Durante três dias, todas as televisões do mundo não pararam de mostrar imagens desse acontecimento. Terroristas chechenos tinham feito refém todo o público do teatro durante a representação de uma comédia musical intitulada *Norte-Leste*. As forças especiais, excluindo toda a negociação, resolveram o problema gaseando os sequestradores e os próprios reféns – firmeza que o presidente Putin felicitou calorosamente. O número de vítimas civis é controverso, estima-se em cerca de cento e cinquenta, e os familiares são considerados cúmplices dos terroristas quando questionam se não teria sido possível agir de outra forma e tratá-los, a eles e ao seu luto, com um pouco menos de negligência. Desde então, reúnem-se todos os anos para uma cerimónia evocativa que a polícia não ousa proibir abertamente, mas que vigia como se se tratasse de uma concentração sediciosa – coisa em que ela de facto se transformou.

Eu estive lá. Havia umas duzentas a trezentas pessoas na praça em frente do teatro, e à volta delas outros tantos OMON, que são o equivalente russo da nossa polícia de choque, munidos de capacetes, escudos e pesadas matracas. Começou a chover. Abriam-se guarda-chuvas sobre as velas que, com os seus colarinhos de papel para proteger os dedos da cera escaldante, me lembraram as missas ortodoxas a que me levavam na Páscoa, quando eu era pequeno. Cartazes substituíam os ícones, com as fotografias e os nomes dos mortos. As pessoas que levavam esses cartazes e essas velas eram órfãos, viúvos e viúvas, pais que tinham perdido um filho – uma perda para a qual não existe uma palavra em russo,

como não existe em francês. Nenhum representante do Estado estava presente, como o sublinhou com uma cólera fria um representante das famílias, que pronunciou umas palavras – as únicas de toda a cerimónia. Não houve discursos, nem *slogans*, nem cantos. As pessoas contentavam-se em ficar de pé, em silêncio, de vela na mão, ou em falar em voz baixa, em pequenos grupos, entre a muralha de OMON que tinha cercado o perímetro. Olhando à minha volta, reconheci várias caras: para além das famílias enlutadas, estava ali todo o conjunto dessa minoria de opositores que desde há uma semana eu tinha vindo a contactar, e troquei com eles alguns acenos de solidariedade.

No cimo das escadas, diante das portas fechadas do teatro, uma silhueta pareceu-me vagamente familiar, mas não conseguia identificá-la. Era um homem de casaco preto, também ele segurando uma vela, rodeado de várias pessoas com quem falava em voz baixa. No meio de um círculo, dominando a multidão, recuado mas chamando a atenção, dava uma sensação de importância, e estranhamente pensei no chefe de uma quadrilha a assistir com os seus seguranças ao enterro de um dos seus homens. Só o via de perfil; da gola do casaco levantada emergia uma barbicha. Uma mulher que, a meu lado, também notara a sua presença, disse à parceira do lado: «Está ali o Eduard, é fixe.» Ele virou a cabeça, como se, apesar da distância, a tivesse ouvido. A chama da vela cavou os traços do seu rosto.

Reconheci Limonov.